

## O DIÁLOGO ENTRE A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O ENSINO DE HISTÓRIA: RELATO SOBRE UMA AULA DE CAMPO NA CIDADE DE TEIXEIRA DE FREITAS, BAHIA

THE DIALOGUE BETWEEN HERITAGE EDUCATION AND HISTORY TEACHING: REPORT ON A FIELD CLASS IN THE CITY OF TEIXEIRA DE FREITAS, BAHIA

**Priscila Santos da GLÓRIA**

priumani@yahoo.com.br

Mestre em História Regional e Local

Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Santo Antônio de Jesus, BA

Profa. Universidade do Estado da Bahia, Teixeira de Freitas, BA

<http://lattes.cnpq.br/3891647937921647>

<https://orcid.org/0000-0001-8902-6546>

### RESUMO

O texto é um relato de experiência de atividades desenvolvidas junto à turma do nono semestre de História (UNEB/campus X) no ano de 2018, durante as aulas do componente curricular “Cultura Documental e Patrimonial I”. Iniciamos com pesquisas sobre patrimônios materiais e imateriais da cidade de Teixeira de Freitas, BA, debatendo os conceitos, ao mesmo passo que reconhecíamos os patrimônios locais, questionando a ressonância dos mesmos, o pertencimento às comunidades e a memória social, segundo a interpretação de José Reginaldo Gonçalves (2005), Peter Burke (2006), e Olgário Vogt (2009). Os estudantes pesquisaram na bibliografia pertinente, inclusive utilizando o acervo de monografias do curso de História, como também foram a campo para entrevistar moradores que ocupam e modificam a cidade no seu cotidiano. Assim, a metodologia da história oral foi imprescindível para reconstituição de narrativas que evidenciam a importância dos patrimônios mapeados pelos estudantes. O resultado das pesquisas elaboradas foi apresentado em uma aula de campo denominada “Cidade e patrimônio: percorrendo Teixeira de Freitas”, onde visitamos os seguintes patrimônios: A Biquinha; A Praça do Belo; O Memorial da Rodoviária Nova; e a Feira de Domingo do bairro São Lourenço. Durante a aula de campo utilizamos as estratégias da educação patrimonial descritas por Evelina Grumberg (2007), que compreenderam: observação, registro, exploração e apropriação dos patrimônios citados. A narrativa textual intercala a importância do diálogo entre a educação patrimonial e o ensino de história com ênfase na história local sob a perspectiva de Raphael Samuel (1990) e Selva Guimarães Fonseca (2006). Como também debate a ressonância dos patrimônios junto às comunidades que os vivenciam, e de forma inversa, a memória social enquadrada pelo poder público e os agentes privados.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação patrimonial; ensino de História; aula de campo.

### ABSTRACT

The text is an experience report of activities developed with the class of the ninth semester of History (University of Bahia State/Campus X) in 2018, during the classes of the curricular component “Documental and Patrimonial Culture I”. We started with researches about material and immaterial heritage in the city of Teixeira de Freitas, Bahia, discussing the concepts while recognizing the local heritage and questioning their resonance, belonging to communities and social memory according to the interpretation of José Reginaldo Gonçalves (2005), Peter Burke (2006), and Olgário Vogt (2009). The students researched on the pertinent literature, including the use of the collection of monographs from the course of History, as well as going to the field to interview residents who occupy and modify the city in its daily life. Thus, the methodology of

oral history was essential to reconstruct narratives that show the importance of the heritage mapped by the students. The results of this research were presented in a field class called “City and heritage: traversing Teixeira de Freitas”, where we visited the following heritage sites: A Biquinha; Praça do Belo; Rodoviária Nova Memorial and the Feira de Domingo in the neighborhood named São Lourenço. During the field class, we used the heritage education strategies described by Evelina Grumberg (2007) which included: observation, registration, exploration and appropriation of the mentioned heritage. The textual narrative intersperses the importance of the dialogue between heritage education and history teaching with an emphasis on local history from the perspective of Raphael Samuel (1990) and Selva Guimarães Fonseca (2006). It also debates the resonance of heritage with the communities that experience it, and in an inverse way, the social memory framed by public power and private agents.

**KEYWORDS:** heritage education; history Teaching; field Class.

## INTRODUÇÃO

O presente texto<sup>1</sup> é um relato de experiência de uma aula de campo denominada “Cidade e Patrimônio: percorrendo Teixeira de Freitas”, ministrada dentro do componente curricular “Cultura Documental e Patrimonial I” no ano de 2018, em uma turma de nono semestre da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus X, localizado no extremo sul da Bahia, na cidade de Teixeira de Freitas. A proposta foi dialogar a educação patrimonial com o ensino de História Local, utilizando o “Manual de Atividades Práticas da Educação Patrimonial” (GRUNBERG, 2007).

Após alguns anos ministrando os componentes de Cultura Documental e Patrimonial I e II, como também de Laboratório do Ensino de História, constatei as dificuldades dos estudantes em fomentar projetos e aulas no ensino fundamental e médio que versem a História Local e Regional. Embora o curso de História da UNEB/Campus X aborde em alguns componentes a História da Cidade de Teixeira de Freitas, bem como do extremo sul da Bahia, e muitos estudantes optem por pesquisar e elaborar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com o recorte da História

---

<sup>1</sup> Uma versão anterior deste texto foi apresentada no V Encontro Estadual de Ensino de História, ANPUH-BA, em outubro de 2019.

Regional<sup>2</sup>, os mesmos quando em sala de aula como estagiários e/ou professores não contemplem conteúdos ligados a História Local.

Visando romper com o abismo entre a universidade e a educação básica, ao mesmo tempo debater conceitos de patrimônio e memória elaboramos projetos de pesquisa, e em grupos, os estudantes foram a campo, utilizando metodologias como a História Oral e a observação, problematizaram alguns patrimônios da cidade de Teixeira de Freitas, frente as suas ressonâncias (GONÇALVES, 2005), e a memória social (BURKE, 2000).

As atividades relatadas no texto também integram o projeto de Pesquisa e Extensão “Cidade, memória e patrimônio: história e cultura em Teixeira de Freitas, BA” que vem sendo desenvolvido desde o ano de 2013 na UNEB/Campus X.

## 1. A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO METODOLOGIA DO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL

A história local segundo Samuel (1990) é encontrada nas minúcias do cotidiano e dá uma visão mais próxima do passado ao pesquisador. “Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas no campo” (SAMUEL, 1990, p. 220). Em seu texto clássico o autor ainda aponta a multiplicidade de fontes que expõem a História Local, e como os historiadores podem fazer uso das mesmas. No Brasil a história local e regional foi sendo desvelada em grande parte pela interiorização do ensino superior e em específico pelos programas de pós-graduação com a produção significativa de dissertações e teses que versam o recorte regional. Embora haja uma grande produção acadêmica ainda há um abismo entre a universidade e a educação básica quando analisamos a inexistência ou insuficiência da abordagem da História Local.

Fonseca (2006), aponta as dificuldades do ensino de História Local, entre elas a falta de material didático que aborde as temáticas regionais, como também as narrativas da História Local carregadas de linearidade e homogeneidade da história dos “grandes homens”, em

---

<sup>2</sup> Basta observarmos o acervo dos Trabalhos de Conclusão de Cursos (TCC) localizado no Laboratório de História, da própria universidade.

contrapartida o silêncio em torno das mulheres, indígenas e negros. Para romper com essas dificuldades a educação patrimonial se apresenta como uma metodologia fortuita tanto para a produção de material didático, quanto para trazer uma narrativa da “História vista de baixo” (SHARPE, 1992).

[...] chamamos de Educação Patrimonial uma metodologia específica que considera os bens culturais que fazem parte do patrimônio, como ponto de partida da tarefa pedagógica, da utilização desses bens como motivação no desenvolvimento do processo de ensino. (GRUNBERG; RAMOS; SILVA, 2014, p. 127).

Grunberg (2007), no “Manual de Atividades Práticas da Educação Patrimonial” nos aponta um caminho para a utilização dos bens culturais como recursos de ensino-aprendizagem. O alinhavo estaria entre a “observação, o registro, a exploração, e a apropriação” dos bens culturais pelos estudantes, orientados pelos professores. Através desta metodologia os estudantes podem conhecer e investigar a História local e cotidiana da sua cidade, bairro e até comunidade, podem explorar tanto os patrimônios materiais como os imateriais, inclusive elegendo os patrimônios que encontram ressonância (GONÇALVES, 2005), para aqueles que os vivenciam. Assim, colocamos os estudantes como protagonistas do ensino-aprendizagem e valorizamos a vivência de cada um, como aponta Fonseca (2006, p. 132):

O local e o cotidiano da criança e do jovem constituem e são constitutivos de importantes dimensões do viver; logo podem ser problematizados, tematizados e explorados no dia-a-dia da sala de aula, com criatividade, a partir de diferentes situações, fontes e linguagens. Assim, o ensinar e o aprender História não são algo externo, a ser proposto e difundido com uma metodologia específica, mas sim a ser construído no diálogo, na experiência cotidiana em um trabalho que valorize a diversidade e a complexidade, de forma ativa e crítica. A memória das pessoas, da localidade, dos trabalhos, das profissões, das festas, dos costumes, da cultura, das práticas políticas, está viva entre nós. Nós, professores, temos o papel de juntos com os alunos, auscultarmos o pulsar da comunidade, registrá-lo, produzir reflexões e transmiti-lo a outros. (FONSECA, 2006, p. 132).

As memórias indicadas por Fonseca (2006) constituem patrimônios imateriais muito intrínsecos ao cotidiano, de tal forma que passam despercebidos como bens culturais para os que vivenciam, como também ao poder público responsável pela conservação dos bens materiais.

Ainda paira na sociedade a visão que os bens patrimoniais são grandes arquiteturas, esculturas antigas, monumentos citadinos, etc., tudo que for palpável, represente a história dos “grandes homens” e seja bastante antigo<sup>3</sup>. Segundo Paoli (1992, p. 25), quando falamos em patrimônio recorremos a uma “imagem congelada do passado”, isso se dá por uma visão equivocada que temos do próprio processo de historicidade, e por seguirmos a narrativa da história “dos vencedores”, mas como professores de História podemos romper com essa visão e garantir o “direito ao passado” a todos e a todas.

Reconhecer a existência de patrimônios que representem as histórias e as memórias por tanto tempo silenciadas e excluídas das narrativas oficiais, é o primeiro passo para utilizar a metodologia da educação patrimonial para o ensino da História Local, e assim garantirmos que não só se ensine História Local, mas que a mesma seja diversa e polifônica. E assim “fazer com que experiências silenciadas, suprimidas ou privatizadas da população se reencontrem com a dimensão histórica” (PAOLI, 1992, p. 27).

Partindo destes pressupostos da educação patrimonial e do ensino da História local os estudantes do curso de História do nono semestre da UNEB/Campus X se tornaram protagonistas e elegeram patrimônios citadinos para problematizar questões ligadas à memória, a conservação, as políticas públicas e a ressonância. Desenvolveram o papel de escutar os anseios das pessoas comuns que circulam e vivenciam a cidade de Teixeira de Freitas, foram a campo para observar e explorar os patrimônios eleitos, registrando narrativas e fotografias para que durante uma aula de campo pudessem se apropriar dos patrimônios e seus significados.

## **2. RELATO SOBRE A AULA DE CAMPO “CIDADE E PATRIMÔNIO: PERCORRENDO TEIXEIRA DE FREITAS”**

No início do primeiro semestre de 2018 propus a turma de nono semestre de História que divididos em grupos elaborassem projetos de pesquisa problematizando patrimônios da cidade de Teixeira de Freitas. Após aulas expositivas com os conceitos de patrimônio, memória e

---

<sup>3</sup> Em 2013 realizamos pesquisa em Teixeira de Freitas e foi praticamente unânime a visão que na cidade não havia patrimônios, já que a mesma é uma cidade de 35 anos de idade, e comumente as pessoas relacionam a categoria do patrimônio com monumentos de um passado longínquo.

ressonância os estudantes delinearum um problema e elegeram patrimônios da cidade, logo mais foram a campo e observaram a relação dos sujeitos citadinos com os patrimônios, produziram fotografias, questionários e entrevistas, realizando aquilo que Grunberg (2007), denominou de “observação, registro e exploração” dos bens materiais.

Munidos com o material capturado e/ou produzido planejamos a aula de campo “Cidade e Patrimônio: percorrendo Teixeira de Freitas”, que aconteceu no dia vinte e três de maio de 2018. Ao longo da aula o transporte da UNEB foi nos conduzindo aos patrimônios eleitos pela turma. A primeira parada foi à denominada “Biquinha” localizada no bairro Colina Verde, que é um manancial de um lençol freático que pulsa água corrente e potável, de tal forma que no início da povoação da cidade<sup>4</sup>, por volta das décadas de 1960-1970 era um meio importante de abastecimento de água para população, haja vista que a instalação do sistema de abastecimento de água só aconteceu em 1974 (ROCHA, 2014). Hoje a população que vive no entorno e até mesmo de outros bairros em qualquer crise de abastecimento de água procura a Biquinha para encher vasilhames e abastecer suas casas. Observemos a Figura 1:

Figura 1 – Estudantes do curso de História na Biquinha



Fonte: Fotografia produzida pela autora, maio/2018.

Na Figura 1 observamos os estudantes, agora egressos, Josevaldo Guimarães e Vanessa Gomes compartilhando informações sobre a Biquinha, grupo também composto por Valdineia Santos. Ao fundo temos a água escoando naturalmente pelo cano, instalado pela

<sup>4</sup> Ainda não era cidade, pertencia aos municípios de Alcobaça e Caravelas, Teixeira de Freitas é emancipada em 01 de janeiro de 1986.

prefeitura, é notável que não haja existência de torneira que controle sua vazão, algo discutido durante a aula de campo, por conta da importância da preservação dos nossos lençóis freáticos, patrimônio natural altamente necessário para preservação da vida no planeta. Ao lado direito da foto, ao fundo encontra-se uma estudante de ensino médio, no dia da aula de campo a Escola Henrique Brito desenvolvia uma atividade de manutenção de uma horta plantada pelos próprios estudantes, o que reafirma os significados múltiplos deste patrimônio para a cidade de Teixeira de Freitas, e da importância da aproximação do público escolar com a Biquinha.

Embora tenhamos encontrado ressonância do patrimônio junto aos moradores, detectamos um abandono por parte do poder público ao local, denúncia feita pelo jornal Liberdade News em fevereiro de 2015, com a seguinte chamada “Riqueza abandonada: Regiões sofrendo com a falta de água e a “Biquinha” segue ignorada” (VEDRA, 2015). O jornal cita a manutenção da prefeitura na gestão de João Bosco (2012-2016), das bancadas e telhados do local, mas ao mesmo tempo enfatiza o desperdício de água, que segundo a notícia é 99,99% mineral<sup>5</sup>. Na fotografia avistamos apenas um ponto de escoamento da água, mas existem pelo menos mais quatro pontos ao lado, sendo elevada a quantidade de água desperdiçada.

Após intenso debate seguimos para a Praça do Belo apresentada pelas estudantes Franciele Soares, Marluce dos Santos e Vanúbia Rocha, como um espaço de sociabilidade da cidade, utilizada pelos moradores dos bairros Bela Vista e Vila Caraípe a praça surgiu por uma iniciativa de um senhor conhecido como Belo que tinha um bar em frente ao local na década de 1980, ele mesmo plantou as principais árvores, como um pé de manga existente no centro da praça, também fez bancos de madeiras que começaram a serem utilizados pelos moradores que circulavam na localidade.

Na Figura 2 podemos ver as árvores que são o legado do senhor Belo para a comunidade circunvizinha, avistamos também a centralidade do pé de manga que guarda uma história curiosa sobre seu plantio, segundo a estudante Franciele que além de integrante do grupo que pesquisou sobre a praça, também mora próximo à localidade, seu Belo pegou a manga antes

---

<sup>5</sup> A notícia não cita a fonte de tal informação, deixa vaga à procedência de uma pesquisa que comprovou a qualidade da água.

que sua filha pudesse chupar o fruto, e plantou o caroço, a filha por sua vez “amaldiçoou” o fruto, chateada com o pai, pois queria chupar a fruta, a mesma disse que a árvore nunca daria fruto, e assim aconteceu, a árvore deu toda sua graciosidade a Praça, mas nunca deu frutos<sup>6</sup>.

Hoje a Praça já tem bancos de cimento e canteiros para as árvores, construídos pela prefeitura que também se responsabiliza pela limpeza e poda das árvores, mas o Bar do Belo continua em frente à Praça, agora administrado pelo filho do senhor Belo, já falecido. Na Foto 02 podemos observar a presença de duas crianças acompanhadas por uma mulher, é comum a presença das crianças brincando no espaço, Franciele na aula de campo também lembrou que já brincou inúmeras vezes nos galhos das árvores que na época não eram podadas.

Figura 2 – Praça do Belo



Fonte: Foto produzida pela discente Franciele durante pesquisa de campo em maio de 2018.

Atualmente a praça é bastante utilizada pela comunidade da terceira idade que diariamente ocupa a praça para conversar, jogar dominó e carteados, os idosos utilizam cadeiras e

<sup>6</sup> Relato apresentado pela estudante Franciele Soares durante a aula de campo.

mesas plásticas para servir de apoio para as atividades de lazer, as cadeiras são guardadas todos os dias em uma casa na esquina, na Foto 2 ela aparece ao fundo das crianças, com sua parede esverdeada e porta verde escuro, como a fotografia foi capturada no entardecer as cadeiras já haviam sido recolhidas. Todo o início de tarde os senhores se reúnem, muitos deles foram amigos do seu Belo e afirmam a contribuição deste espaço para a sociabilidade dos mesmos, inclusive para a necessidade de preservação deste patrimônio<sup>7</sup>. Finalizamos a visita com a certeza do reconhecimento da Praça do Belo como um patrimônio material da cidade de Teixeira de Freitas, como também da responsabilidade do poder público pela manutenção da praça, além da riqueza de narrativas do cotidiano e da História Local que precisam ser inseridas no ensino de História da educação fundamental e média da cidade.

Nosso próximo destino foi o terminal rodoviário da cidade, conhecido como “Rodoviária Nova”, pois substituiu o antigo terminal que ficava na Praça da Bíblia, centro da cidade, durante a década de 1980, a chamada “Rodoviária Velha”, ainda existente, mas hoje como terminal urbano. O terminal rodoviário de Teixeira de Freitas é um local de ampla circulação, transitoriedade de ônibus que ligam a Bahia, Espírito Santo, e Minas Gerais, portanto há um grande movimento de pessoas durante o dia e a noite. No centro do terminal encontramos um memorial, com um busto de Luís Eduardo Magalhães, deputado estadual e federal, que teve mandato interrompido por um infarto no ano de 1998, mas não foi sua trajetória política apenas que o tornou monumento, é preciso destacar que o mesmo era filho de Antônio Carlos Magalhães governador do estado da Bahia por três vezes, e senador do mesmo por dois mandatos<sup>8</sup>.

Mas, voltemos ao Monumento apresentado na Figura 03, onde observamos a amplitude arquitetônica através do frontalidade da construção, adentrando a rodoviária o busto fica logo a frente, antes de chegarmos aos guichês de ônibus, lanchonete e estação de embarque e desembarque. Durante a aula de campo debatemos como a escolha do local do monumento foi proposital para dá notoriedade ao mesmo, embora também notássemos que a rodoviária

---

<sup>7</sup> A praça passou por uma reforma no ano de 2019, sem muita mudança na sua estrutura, mas ganhou uma nova pintura e a retirada de uma árvore.

<sup>8</sup> Válido destacar que dois dos mandatos de ACM como governador da Bahia foram durante a ditadura militar, portanto ele foi nomeado pelos militares, estando alinhado ao governo ditatorial.

apresenta outras entradas pelos lados direito e esquerdo que não levam o transeunte diretamente ao monumento, só se assim o desejar.

Figura 3 – Busto de Luís Eduardo Magalhães na Rodoviária de Teixeira de Freitas



Fonte: Fotografia produzida pela autora em 23 de janeiro de 2020.

Os estudantes João Lucas Monti, Fernanda Oliveira e Joyce Glicerio debateram a ressonância do patrimônio na cidade, pesquisaram com os trabalhadores que ocupam diariamente a rodoviária e com passageiros que têm uma relação momentânea com o local os significados daquele monumento. A maioria das pessoas afirmou que não sabia o homenageado naquele busto, principalmente os trabalhadores que notaram a existência do monumento, no entanto não sabiam de quem se tratava, os passageiros por sua vez não tinham nem percebido a existência da arquitetura, muitos apressados, ou desatentos não observaram a construção.

Finalizamos o debate entendendo que o monumento não apresenta ressonância junto aos moradores de Teixeira de Freitas, mas houve o objetivo de enquadramento de uma “memória

social”, para Peter Burke a memória social é um “complexo processo de seleção e interpretação [...] entre os meios pelos quais se registra e se recorda o passado” (BURKE, 2000, p. 72). O autor ainda discorre sobre os meios de transmissão e usos da memória, os monumentos são um meio de transmissão, foram e são utilizados para enquadrar uma memória nacional, a forma como o espaço está organizado é outro meio de transmissão (BURKE, 2000, p. 75). Na Rodoviária de Teixeira de Freitas percebemos a utilização do monumento como um meio para transmitir a memória de Luís Eduardo Magalhães, e de seu pai, embora não exitoso, já que os moradores não reconhecem o personagem apresentado no busto, portanto não há ressonância.

Na Figura 4 observamos que o monumento trata-se de uma homenagem da empresa SINART (Sociedade Nacional de Apoio Rodoviário e Turístico Ltda.), responsável pela administração da Rodoviária de Teixeira de Freitas<sup>9</sup>. A empresa foi responsável pela construção da rodoviária da cidade de Salvador, capital da Bahia, entre os anos de 1971-1974, durante o governo de Antônio Carlos Magalhães, e desde então administra a mesma rodoviária. Embora as palavras gravadas no granito sejam bonitas, desconfiamos que haja uma relação da homenagem com os negócios selados entre a empresa e a família Magalhães, desde a ditadura militar.

Figura 4 – Lápide inscrita no busto de Luís Eduardo Magalhães



Fonte: Fotografia produzida pela autora em outubro de 2019.

<sup>9</sup> Não só da rodoviária de Teixeira, mas de muitas no estado da Bahia, e outros estados, como também estacionamentos públicos e privados, e o aeroporto de Porto Seguro, BA. (SOCIEDADE NACIONAL DE APOIO RODOVIÁRIO E TURÍSTICO LTDA, 2014).

A última visita da aula de campo foi à feira livre do bairro São Lourenço, na verdade ao local onde é realizada a feira, pois a aula aconteceu em uma quarta-feira, e a feira ocorre aos domingos. Mesmo com este percalço a nossa visita foi proveitosa, conseguimos observar o espaço onde são instaladas as barracas dos feirantes, e ainda conversar com um casal que tem uma barraca para a venda de pasteis, esta funciona todos os dias da semana, inclusive aos domingos durante as feiras. Na Figura 05 estamos na parte central da feira, em frente à barraca que vende pastel, ao fundo dos estudantes tem um cliente que tinha acabado de comprar um pastel. Inclusive a fotografia retrata o momento final da nossa aula de campo, quando tínhamos finalizado a degustação de pastéis com caldo de cana, uma forma deliciosa de nos apropriarmos deste patrimônio.

Figura 5 – Professora e estudantes do curso de História no bairro São Lourenço



Fonte: Foto produzida pela discente Franciele durante a aula de campo em maio de 2018.

O bairro São Lourenço começou a ser povoado ainda na década de 1960, hoje é um dos mais populosos da cidade, a feira de Domingo, como é conhecida por todos na cidade de Teixeira de Freitas atrai moradores de todos os bairros, pulsa movimento comercial, mas é também um espaço de sociabilidade para os feirantes, muitos vindos da zona rural para vender seus produtos agrícolas. O grupo composto pelos estudantes Laís Assunção, Márcio Souza, Samara

Silva e Walisson Quadros propôs uma análise da feira enquanto um patrimônio imaterial, por conta dos saberes e fazeres dos feirantes, suas narrativas, gestos, astúcia para vender suas mercadorias que tanto atrai a população. Laís enfatizou a feira como um movimento de resistência frente ao agronegócio, e mesmo na atualidade com a cidade repleta de redes de supermercados as pessoas ainda buscam na feira uma alternativa para uma alimentação mais saudável e barata. Perguntamo-nos quanto interessante seria uma aula com crianças e adolescentes no local para enfatizar a importância da feira para a cidade, como também conhecer sua História.

O grupo também entrevistou comerciantes com pontos fixos na localidade para entender a importância da feira para a movimentação do comércio local, os mesmos creditaram a feira como fundamental para a existência de suas lojas. A feira se expande por toda Rua André Medeiros e os estudantes buscaram perceber como os moradores da rua viam a feira, muitos afirmaram sua importância, mas alguns relataram a dificuldade com o lixo produzido pela feira, e a demora do poder público em recolher, deixando o ambiente inóspito por alguns dias. Relataram também dificuldades de locomoção no dia da feira, um morador ressaltou que retira sempre seu carro da garagem ao sábado a noite, pois sabe que no domingo não tem condições de transitar com o automóvel. Na Figura 6 busquei uma fotografia que retratasse a rua durante a movimentação da feira.

Figura 6 – Rua André Medeiros durante a feira de Domingo



Fonte: Alves (2017).

A fotografia foi retirada de uma manchete do jornal Liberdade News intitulada “Atiradores provocam terror na feira de domingo: Feirante é baleada e socorrida ao HMTF”, notícia publicada em 17 de dezembro de 2017. A imagem retrata momentos após o ocorrido, portanto não traduz um dia comum na feira de domingo, embora possamos observar as barracas, e a transitoriedade de pessoas que mesmo após os tiros não se deixaram intimidar, continuaram a realizar suas compras. A notícia informa que a feirante atingida pelo tiro era moradora do bairro São Lourenço e foi socorrida com vida e levada ao Hospital Municipal de Teixeira de Freitas.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aula de Campo “Cidade e Patrimônio: percorrendo Teixeira de Freitas” possibilitou aos estudantes cumprirem todas as etapas propostas por Grunberg no Manual de Educação Patrimonial: observação, registro, exploração e apropriação dos bens culturais eleitos durante as aulas de Cultura Documental e Patrimonial I. As discussões durante as visitas flutuaram entre os reconhecimentos dos patrimônios pelas comunidades circunvizinhas, a preservação dos mesmos e a importância destes bens culturais integrarem a grade curricular do ensino de História nas escolas públicas e privadas da cidade de Teixeira de Freitas.

A aula de campo foi um encontro dos estudantes com a própria História Local, fizemos o que Raphael Samuel (1990), sugeriu: descemos as ruas, dobramos as esquinas, ouvimos os ecos da feira livre, observamos a arquitetura, ouvimos os casos de senhores sob um pé de manga; assim encontramos as minúcias do cotidiano, as Histórias de pessoas comuns, como também a tentativa de imposição de uma narrativa da “história dos vencedores”, através da homenagem a Luís Eduardo Magalhães no centro da Estação Rodoviária de Teixeira de Freitas. No entanto, por aqui venceu o cotidiano, os saberes e os fazeres da gente comum, dessa forma garantimos o nosso “direito ao passado”.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Edvaldo. Atiradores provocam terror na feira de domingo: feirante é baleada e socorrida ao HMTF. *LiberdadeneWS*, 17 dez. 2017. Disponível em: <https://liberdadeneWS.com.br/policia/21683-atiradores-provocam-terror-na-feira-de-domingo->. Acesso em: 24 jan. 2020.

BURKE, Peter. História como memória social. In: \_\_\_\_\_. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 68-89.

FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas no ensino de história. *História Oral*, v. 9, n. 1, p. 125-141, jan./jun. 2006.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: As culturas como patrimônios. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan./jun. 2005.

GRUNBERG, Evelina. *Manual de atividades práticas de educação patrimonial*. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

GRUNBERG, Evelina; RAMOS, Silvana; SILVA, Alan. Entrevista: sobre educação patrimonial, turismo e preservação de bens culturais. *Revista Iberoamericana de Turismo*, Penedo, AL, v. 4, n. 1, p. 125-129, 2014.

PAOLI, Maria Celia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O direito à Memória: Patrimônio Histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992.

ROCHA, Daniel. O saneamento básico na história de Teixeira de Freitas parte 01. *Tirabanha*, Teixeira de Freitas, BA, 12 out. 2014. Disponível em: <http://www.tirabanha.com.br/2014/10/12/o-saneamento-basico-na-historia-de-teixeira-de-freitas-parte-01/>. Acesso em: 24 de jan. 2020.

SAMUEL, Raphael. História oral e história local. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 219-243, 1990.

SHARPE, Jim. A História vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas Perspectivas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1992.

SOCIEDADE NACIONAL DE APOIO RODOVIÁRIO E TURÍSTICO LTDA - SINART. O grupo SINART. Salvador, BA, 2014. Disponível em: <http://www.sinart.com.br/quem-somos.html>. Acesso em: 23 jan. 2020.

VEDRA, Rafael. Riqueza abandonada: regiões sofrendo com a falta de água e a “Biquinha” segue ignorada. *LiberdadeneWS*, 22 fev. 2015. Disponível em: <https://liberdadeneWS.com.br/politica/11536-riqueza-abandonada-regioes-sofrendo-com-a-falta-de-agua-e-a-biquinha-segue-ignorada>. Acesso em: 21 jan. 2020.



Attribution-NonCommercial-ShareAlike  
4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)

GLÓRIA, P. S.  
Educação patrimonial e o ensino de história  
| Relato de experiência



*Submissão: 15 de junho de 2020*  
*Avaliações concluídas: 22 de dezembro de 2020*  
*Aprovação: 22 de dezembro de 2020*

## COMO CITAR ESTE ARTIGO?

GLÓRIA, Priscila Santos da. O diálogo entre a educação patrimonial e o ensino de história: relato sobre uma aula de campo na cidade de Teixeira de Freitas, Bahia. *Revista Temporis [Ação]* (Conexões Multidisciplinares em Educação). Cidade de Goiás; Anápolis. v. 21, n.1, p. 1-16, e-210108, jan./jun., 2021. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>. Acesso em: <inserir aqui a data em que você acessou o artigo>